

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

## Universidades Lusíada

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

### Nota de apresentação

<http://hdl.handle.net/11067/7661>

### Metadados

<b>Data de Publicação</b>	2005
<b>Editor</b>	Universidade Lusíada Editora
<b>Palavras Chave</b>	Guerra, Professores - Formação - França, Integralismo Lusitano (Partido político), História - Ensino e estudo
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 02 (2005)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T01:36:26Z com informação proveniente do Repositório

## NOTA DE APRESENTAÇÃO

*Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva*



A guerra foi uma ameaça sombria sempre presente na história das sociedades humanas desde os seus primórdios. A constatação por parte da Humanidade dos seus malefícios conduziu ao longo dos séculos a uma reflexão sobre a possibilidade de alcançar ou pelo menos preservar a paz<sup>1</sup>. A guerra aparecia assim como algo inerente à natureza dos homens exigindo-lhes um esforço criativo para “inventar” a paz entendida como a sua negação absoluta e permanente<sup>2</sup>. Contudo, o optimismo relativo a uma eventual “bondade” original do ser humano prevaleceu sempre nas correntes e tradições pacifistas, religiosas e seculares, defensoras das possibilidades efectivas de realização da paz universal através de diferentes formas e esquemas de cooperação internacional<sup>3</sup>. O fim da Guerra Fria e da ameaça dum Armagedão nuclear nos anos 90 do século XX foi acompanhado pelo culminar do processo de democratização, iniciado nos anos 70 na Europa e posteriormente extensível a outras partes do mundo. A cooperação dos diversos estados para a resolução pacífica dos conflitos pareceu reforçar-se, consolidando as organizações internacionais nomeadamente o papel da ONU. A própria R.A.M. com o seu impacto na evolução nos armamentos, tácticas e estratégias militares, tinha aparentemente efeitos positivos na redução dos danos e da duração das guerras convencionais reforçando a credibilidade da tão discutida e discutível “Ingerência Humanitária”. Assim sendo, o século XXI pareceu iniciar-se de forma auspiciosa, mas foi confrontado de imediato com a globalização da violência sob novas formas, nomeadamente o terrorismo planetário após o 11 de Setembro de 2001. A desilusão aumentou com o renascer dos conflitos étnicos esquecidos, no antigo Cáucaso russo, nas Filipinas, na Indonésia, em África e na América Latina, marcados pelo renovar das guerras de guerrilha. Os confrontos militares de tipo clássico também regressaram como o demonstram de uma forma algo equívoca a guerra no Afeganistão (2001) e mais recentemente no Iraque (2003). De igual modo, a disseminação dos armamentos nucleares gerou novos focos de tensão entre a Índia e o Paquistão, Israel e o Irão e os E.U.A e a Coreia da Norte. O apocalipse nuclear voltou a ser uma pesadelo para a Humanidade no novo milénio, pelo menos a nível local. O problema da guerra biológica e química ganhou maior acuidade com a utilização de gases

---

<sup>1</sup> John Keegan, *A History of Warfare*, London, PIMLICO, 1993, p. 3-60.

<sup>2</sup> Michael Howard, *The Invention of Peace. Reflections on War and International Order*, London, Profile 2000, p. 1-7 e p. 111.

<sup>3</sup> Jonathan Schell, *The Unconquerable World. Power, Nonviolence, and the Will of the People*, Allen Lane/Penguin Books, 2004, p. 1-63.

venenosos contra as populações curdas do Iraque por Saddam Hussein e, mais recentemente, com a crise das cartas com antraz nos E.U.A.. Perante este panorama torna-se mais do que nunca urgente repensar estas questões não deixando de dar uma especial relevância ao papel da comunidade internacional neste processo.

Todavia, a reflexão sobre a guerra e a paz não pode ser realizada sem incorporar uma análise histórica das diferentes respostas dadas e/ou procuradas pelas sociedades humanas no passado. Nesta perspectiva o presente número da Revista *Lusíada • História* – inclui um dossier subordinado a esta temática realizando uma abordagem diacrónica que permite seguir a sua evolução, ao longo do tempo, desde a Antiguidade Clássica até à Idade Contemporânea. Simultaneamente as diversas contribuições não ficaram limitadas a uma só área de estudos sobre a paz e a guerra. Com efeito, privilegiou-se uma leitura múltipla das diversas vertentes económicas, políticas, sociais e culturais da investigação histórica. O presente número inicia-se com um artigo de Humberto Nuno de Oliveira onde se referem os diversos aspectos das concepções fundamentais para compreender o fenómeno da guerra na Roma Antiga. Seguidamente o trabalho de Gonçalo Couceiro Feio que dá a primazia à análise dos aspectos sociais e económicos da estrutura militar do reinado de D. Sebastião e dos finais do século XVI em Portugal. António Ventura oferece-nos uma visão das questões da guerra e da paz na vertente diplomática através do olhar do Morgado de Mateus na véspera do conflito hispano-português de 1801. Na mesma linha de investigação, que privilegia a história diplomática de Portugal e as relações internacionais, desenvolve-se o artigo seguinte de Júlio Rodrigues da Silva referindo-se à difícil manutenção da neutralidade por parte de Portugal face à Inglaterra e aos E.U.A. durante a Guerra do Canadá (1812-1815). Maria José Lafuente investiga os complexos problemas colocados pelo confronto entre a Espanha e os E.U.A. no final dos anos 90 do século XIX com o seu inevitável impacto na evolução histórica de Cuba e das Filipinas. Paulo Jorge Estrela estuda a criação e evolução da medalha da Cruz Vermelha Portuguesa desde as suas origens até 1918. Nuno Ludovice descreve o panorama cultural e artístico da cidade de Lisboa (1918) marcada por profundas tensões sociais e políticas e pelos problemas criados pela participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ana Mafalda Damião debruça-se sobre as relações luso-espanholas durante a guerra civil de Espanha nos dramáticos anos que decorrem entre 1936 e 1939. A análise das relações entre civis e militares na Argentina, realizada por Raul Moreira Rato, permite seguir a evolução política dum dos países mais importantes da América do Sul, desde o peronismo nos anos 30 do século XX até à restauração da democracia nos anos 80.

No entanto, o presente número não se limita à temática da “Guerra e da Paz” possuindo igualmente uma secção de artigos dizendo respeito a outras questões incluídas na “Vária”. Nesta secção, Maria Rosalina Delgado estuda os problemas que caracterizaram historicamente a formação da economia e da

sociedade brasileiras nos primórdios da colonização portuguesa. Nuno Simão Ferreira oferece-nos uma análise do pensamento e da acção de Alberto Mon-saraz, uma das figuras mais relevantes do *Integralismo Lusitano* do século XX em Portugal. Seguem-se três artigos sobre aspectos pedagógicos sendo os dois primeiros referentes à formação dos professores produzidos por José Manuel Mata Justo em colaboração com Verónica Marín Diaz, Vicente J. Llorent Garcia e Margarida Jiménez Monge. O terceiro artigo da autoria de Mário Nuno do Bento Antas centra-se na importância da utilização da internet no ensino da História. Finalmente apresentamos na parte dos documentos a publicação por Maria Rosalina Delgado de uma Carta de Lei do século XVIII tratando da criação dum porto franco na Junqueira. Incluímos ainda neste número um conjunto de recen-sões críticas de obras recentes sobre o tema da “Guerra e da Paz”.